

RESENHAS

A Reflexão e o Macete

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena — *Técnica de Reportagem — Notas sobre a Narrativa Jornalística*. São Paulo, Summus Editorial, 1986, 144 pp.

Jornalistas, estudantes, professores e interessados que busquem textos sobre técnicas de redação de jornal deparam-se com dois tipos de livros. O primeiro são os manuais preparados por jornalistas experientes, explicando solenemente que existe notícia quando o homem morde o cachorro, que lide se redige desta ou daquela forma e que um morto se chama presunto. Apesar de trazer o indispensável no dia-a-dia de uma redação de jornal, essas obras primam pela superficialidade e pela falta de distanciamento que propicie a reflexão crítica. O outro tipo de livro vai além. Provém de eruditos das mais diversas origens, analisando o texto jornalístico por ótica diversa. São livros sérios, seríssimos, mas geralmente escritos por quem nunca entrou numa redação, tendo valor por serem estudos de vanguarda mas, para a maior parte dos leitores, insípidos por faltar neles tinta de jornal.

Nos últimos tempos começam a surgir títulos que trazem as duas coisas. A reflexão e o macete. O dia-a-dia e o tempo. Ainda é raro mas não deixa de ser auspicioso. Apareceram recentemente dois textos de Nilson Lage, sendo que a *Técnica da Notícia* faz uma arrumação na casa, em se tratando de

lide e outros aspectos do texto curto jornalístico. Há mais tempo havia sido publicado o *Texto nos Meios de Informação*, de Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari. E agora esses dois professores editam pela Summus a *Técnica de Reportagem — Notas sobre a Narrativa Jornalística*, que fazia falta tanto para profissionais como para estudantes e professores. Ele é importante por analisar especificamente a reportagem, um gênero privilegiado mas que frequentemente sofre aleijões, intitulando-se reportagem investigativa, interpretativa ou de profundidade, onde se fala muito sobre procedimento do repórter para captar dados ou sobre as matérias de apoio necessárias e onde pouco se diz das características do texto utilizado nessa reelaboração da realidade.

A *Técnica da Reportagem* traz elementos não comuns nas discussões sobre texto jornalístico (anunciar, enunciar, pronunciar, denunciar) que podem ser aceitos ou não, mas aí já é outra história, bem como adota modelos bem específicos da área do jornalismo, como reportagem de fatos, de ação e documental. Em certos momentos, o livro se propõe a analisar o espaço fascinante ocupado pela reportagem e pela literatura mas logo às dificuldades específicas de um estudante intoxicado pelo quê?, quem?, como?, quando?, onde? e por quê?, às voltas agora com uma narrativa a exigir criatividade. Na última parte, quando os interesses se concentram em o tempo do texto e no texto, nas relações da

reportagem com verdade e no problema dos personagens, os dois autores mostram que, em se tratando de reportagem, os compartimentos não são estanques: para explicá-la, são necessários conceitos já elaborados pela Literatura.

Na introdução, Muniz Sodré e Maria Helena falam da pretensão basicamente descritiva que tiveram, razão pela qual lançam mão de textos extraídos de jornais e revistas nacionais. Na verdade, esses textos dão uma dinâmica particular ao livro e o complementam enquanto um manual que vai além do macete. Como reportagem foge geralmente da camisa de força da notícia, os exemplos saltam da padronização e enriquecem o leitor, seja a impressionante narrativa da morte de Guevara, distribuída pela Agência Holmes-Label ou a reportagem-conto *Este boi é meu*, de Roberto Freire; seja o *Jantar de acaba no pesadelo da conta*, de Carlos Rangel, ou a *Batalha do esquadrão de batidas*, de Ernest Hemingway. São textos que servem de portas, onde o leitor passa facilmente do modelo (fact-story, action-story e quote-story) para a individualidade do repórter enquanto sujeito criador. Por tudo isso, esse livro vem preencher um espaço importante da bibliografia das técnicas de redação jornalística. Sua simples leitura poderá tornar mais agradável aulas e discussões sobre a reportagem, pela análise e pelos exemplos que traz. E a certeza de que está aberto caminho para que muitos tenham acesso a textos que não sejam apenas macetes nem apenas linguagem de iniciados. *Técnicas de Reportagem* tem 144 páginas e é editado pela Summus Editorial, integrando a coleção *Novas Buscas em Comunicação*.

Sérgio Caparelli
Universidade Federal do
Rio Grande do Sul

Testemunha Ocular da História

ROSSI, Clóvis — *Vale a Pena ser Jornalista?* São Paulo, Editora Moderna Ltda., 1986, 53 pp.

Em seu *Projeto Passo à Frente* — *Coleção Profissões*, a Editora Moderna Ltda. (SP) lançou a primeira edição do livro *Vale a Pena ser Jornalista?*, de Clóvis Rossi.

O autor, graduado pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero, e por algum tempo professor da ECA/USP, é hoje um dos mais respeitados repórteres brasileiros, há 23 anos em atividade. Desempenhou cargos de chefia na grande imprensa, aborda corajosamente fatos de impacto e não lhe falta, em momento algum, coragem, disposição e competência para ampliar o seu conceito de fiel analista dos acontecimentos do último quarto de século.

Há posições nesta obra, das quais não se pode discordar, como a análise do relacionamento entre patrões e empregados nas empresas de comunicação social, as pressões da censura e a necessidade da interligação dos jornalistas, das várias editorias, para que possam ter uma visão global dos assuntos, em lugar de apresentarem as matérias sob um só enfoque, como o político, o econômico, ou o policial.

No Capítulo 5 — “Como Está o Mercado?” — há críticas às faculdades de jornalismo, com os já desgastantes argumentos de que os alunos têm que “aprender na prática aquilo que a escola não lhes dá (geralmente pouco e mal) na teoria”. Quanto à televisão, embora esteja se expandindo — ela e as emissoras de rádio — ainda não mantém um número suficiente de

profissionais e os *noticiosos* são, na maioria, produto da *recortagem* de pequenas notas da imprensa, lidas ao microfone, sem uma prévia análise ou avaliação.

No rotineiro funcionamento das Redações há turbulências e atritos, bem apontados por Clóvis Rossi e que tendem a se eternizar: o recém-admitido ao emprego vai escrever sobre o que não gosta, ou o editor pode considerar insignificante a matéria que o repórter lhe entregou, confiante em vê-la com destaque na edição seguinte.

Mas qual a resposta para o título do livro? Vale a pena ser jornalista? Ela vem nas últimas páginas: morre-se mais cedo que em outras categorias, ganha-se pouco e a profissão oferece recompensas válidas para aqueles que sonham com menos que fama, fortuna e poder (um deles, ou todos esses (fetiches), se possível.

Se o leitor muito aprende e compreende neste texto de Clóvis Rossi — que, repetimos, é um dos pilares da atual imprensa brasileira — excedeu-se ele ao analisar a sua atuação como enviado especial ao exterior ou correspondente estrangeiro de *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Depois de informar que trabalhou em “todos os países em crise, fossem eles na África, nas Américas ou na Europa”, considera que teve “a rara oportunidade de ser testemunha ocular de uma parte da História do meu tempo”.

Em inúmeros parágrafos e sob pretextos vários, cita algumas das coberturas que fez: Revolução dos Cravos (Portugal), Argentina (Guerra das Malvinas) e América Central (balanço geral da situação em toda a área, após a guerra civil em El Salvador).

O depoimento deste pequeno livro, que tem seus méritos, escrito por um mestre, na aceção que

em jornalismo se dá a essa palavra, deveria se dirigir mais aos que estão se preparando para trabalhar na imprensa regional, mesmo porque, segundo ele, a médio prazo, os jornais dos grandes pólos econômicos do Interior crescerão o suficiente para ampliar o número de empregos oferecidos.

Pouquíssimos são e serão os repórteres brasileiros com a incumbência de ir em aos campos de batalha das guerras e revoluções. E para eles, recomendamos a melhor obra no gênero retrospectiva, abrangente e que realmente narra os desafios dos que acompanharam a evolução da História a partir de 1854: *A Primeira Vítima*, de Philip Knithley, tradução de Sônia Coutinho, Editora Nova Fronteira, 1978.

Mário L. Erbolato
Pontifícia Universidade
Católica de Campinas

O Florescer da Reportagem

KOTSCHO, Ricardo — *A Prática da Reportagem*. São Paulo, Editora Ática, 1986, 80 pp.

“O que procurei fazer neste livrinho foi responder por escrito e numa certa ordem às perguntas mais habituais que me fazem os estudantes e profissionais por aí, utilizando exemplos concretos de matérias em lugar de nebulosas teorias. Se pedissem esse trabalho a outro repórter, ele certamente faria diferente — e reside aí o fascínio desta profissão, a sua multiplicidade de estilos e idéias, a verdade nunca pronta, acabada”. Assim o autor de *A Prática da Reportagem*, repórter Ricardo Kotscho, escreve sobre o lançamento do seu primeiro livro sistemático no campo do Jornalismo.

Para proporcionar uma leitura agradável e de fácil entendimento, Ricardo Kotscho divide a obra que faz parte da coleção *Série Fundamentos*, da Editora Ática, em 8 capítulos: 1. "Uma opção de vida", 2. "O dia-a-dia (A pauta, Lugar de repórter é na rua, Cada história é uma história, Sem medo de tomar posição. Colocar-se no lugar do leitor, Um flagrante de momento vivido, Mostrar algo de novo que está acontecendo, Repórter e fotógrafo, juntos, Plantão de domingos e Feriados)", 3. "Coberturas (A transmissão da matéria, No Exterior, No ABC, Limites, Informação e emoção)", 4. "Reportagem (Duas frentes de luta, Reportagens quentes, Os fenômenos e suas causas)", 5. "Perfil (Um personagem raro, Elis Regina, Sônia Braga, Um velho palhaço, 'Um dia na vida de...')", 6. "Levantamento (Mordomias, Quais os limites da 'abertura?', 'Comunismo Internacional')", 7. "Drama Social (O enfoque social na Editoria de Polícia, A fome tem nome, 'Guerra Urbana', Contar ou não contar uma história real?)" e 8. "Grande reportagem (Transamazônica, Vale do Jequitinhonha, Projeto Carajás)".

As matérias reunidas em cada capítulo, de acordo com o autor, "abrangem um período muito duro, muitas vezes amargo, sofrido, mas em que nunca deixou de falar esperança. Não foi porque o repórter quisesse falar mais das coisas ruins do que das coisas boas. Assim foi, simplesmente — e coube ao repórter retratar a realidade tal como ela era, lutando sempre para transformá-la naquilo que tem de errado, injusto, desumano. Só assim vale a pena ser repórter, apesar de tudo em qualquer época e em qualquer lugar".

O que pensa este repórter sobre o seu ofício? Ricardo Kotscho entende que antes de ser mera opção

profissional, este ofício é uma opção de vida. "Não basta porém saber — ou pensar que sabe — escrever. Ser repórter é bem mais do que simplesmente cultivar belas-letras, se o profissional entender que a sua tarefa não se limita a produzir notícias segundo alguma fórmula "científica", mas é a arte de informar para transformar". Para ele, "o repórter só deve ser repórter se isso for irreversível, se não houver outro jeito de ganhar a vida, se alguma força maior o empurra para isso".

Com uma larga experiência na prática da reportagem, Ricardo Kotscho afirma que "pode-se fazer uma reportagem de mil maneiras diferentes, dependendo da cabeça e do coração de quem escreve, desde que essa pessoa seja honesta, tenha caráter, princípios". Ele acrescenta: "Não, não estou falando da tal "objetividade jornalística", da "neutralidade" do repórter, essas bobagens que inventaram para domesticar os profissionais que não se dobram aos poderosos de plantão, porque tem um compromisso maior com seu povo e sua gente".

Cada capítulo de *A Prática da Reportagem* merece ser lido com o máximo de atenção, pois eles contêm ensinamentos de um repórter que tem demonstrado uma competência extraordinária no exercício da profissão de jornalista.

A reportagem precisa florescer nas páginas dos nossos veículos de comunicação impressos porque através dela acreditamos ser possível formar uma opinião mais crítica e atenta aos problemas políticos e sociais enfrentados hoje pela ausência de informações corretas.

Dario Luis Borelli
Universidade de São Paulo

A Imprensa na Luta e Protestos dos Operários

CARDOSO, Alcina de Lara e
ARAÚJO, Sílvia Pereira de
— 1.º de Maio — Cem Anos
de Solidariedade e Luta.
Curitiba, Beija-Flor, 1986,
109 pp.

Num período de intensas expectativas sobre mudanças sociais, com a implantação da chamada nova República e uma nova Constituição, surge um livro que pretende reconstruir a história do Brasil. Trata-se de *1º de Maio — Cem anos de solidariedade e de luta*, de autoria das professoras Alcina de Lara Cardoso e Sílvia Pereira de Araújo, em lançamento da Editora Beija-flor, em Curitiba.

As autoras fazem um apanhado histórico e sociológico, onde juntam conhecimentos inerentes a uma questão polêmica: as lutas e conquistas em meio à solidariedade das classes trabalhadoras.

O livro é rico pela pesquisa envolvendo revistas e jornais operários durante um período de 100 anos. Mostra as lutas de classe e a recuperação de seu discurso ao longo desse período. Mostra que no cenário nacional e internacional as conquistas e os direitos dos trabalhadores, ora usufruídos, resultaram de anos de sofrimento, combates constantes e férrea luta coletiva. Tudo isso valeram à classe, também, injustiças, perseguições e arbitrariedades praticadas durante as ditaduras militares ocorridas não só no Brasil, mas em outros países, principalmente na América do Sul.

Pelo estudo pode-se observar que a prática do jornalismo traduziu a militância política de representantes, que faziam circular suas idéias em cadeia, visando

unir a classe operária na luta por novas conquistas.

As autoras deixam evidente que a imprensa operária se desenvolveu em um meio onde a questão social é fundamental à sua disseminação para informar, politizar e organizar os trabalhadores. Esta luta teve a ajuda, de início tímido, da imprensa operária. As informações revelam, ao longo dos anos, que o 1º de Maio não é sinônimo de descanso, de mais um feriado, mas um dia de luta, de protesto e de esperança dos trabalhadores.

O livro conta a história das lutas dos trabalhadores e o início da imprensa operária. É por isso que Alcina Cardoso e Sílvia Araújo dizem na introdução da obra que "autor de sua história, o trabalhador deve conhecê-la. Nossa contribuição resume-se em alçar, no tempo, a trajetória do 1º de maio, através da leitura dos jornais operários e de alguns de grande circulação".

Acentuam que, no entanto, "os jornais comemorativos da imprensa operária, mais analíticos, trazem fragmentos do movimento de organização. Como fontes históricas, os jornais recuperam os discursos da classe dominante e operária sobre o dia do trabalhador".

Utilizando-se da análise histórica de conteúdo, a pesquisa é de suma importância, principalmente em nosso país, onde são poucas as obras que tratam de um tema com 100 anos, mas que ainda continua atual. O estudo revela que a data, inicialmente reivindicatória, passou a ser um dia de luta, de luto, de festa: sempre com mártires, heróis, aproveitadores e enganados. Mostra bem a trajetória do operariado nos diversos momentos em sua luta para conquistar o que lhe é de direito ou recuperar o que lhe foi retirado.

A pesquisa responde pela validade científica e tem grande valor

social e didático face à premência de obras dessa natureza. Interessa à historiografia, à sociologia geral, à sociologia da imprensa e ao direito do trabalho.

É um livro que deve ser lido por comunicadores, jornalistas, historiadores, advogados e cientistas sociais. O tema é envolvente e, certamente, merecerá estudos mais aprofundados envolvendo as diversas áreas das ciências humanas.

Ana Maria de Souza Crippa
Universidade Federal do Paraná

Livro: História e Técnica

ARAÚJO, Emanuel — *A Construção do Livro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, 674 pp.

“Os impressores ou editores de hoje não aspiram à nobreza. Já não há nobres. Aspiram, isto sim, à riqueza; e desta forma deixam muita vez de ser artistas para se classificarem apenas como negociantes.

Para ser editor, não basta o tino comercial. É necessário possuir gosto artístico, senso da perfeição. Por falta de tais qualidades é que se expõem à venda tantos livros feios e errados. Economia? Não. Carência de gosto e de jeito para o ofício, simplesmente.”

A essas palavras de Eduardo Frieiro, às vezes ainda tão atuais, a despeito do considerável progresso na produção de livros no País, poderíamos acrescentar, após a leitura de *A Construção do Livro*, de Emanuel Araújo, que ao tino comercial e ao gosto artístico deve ser aliado o domínio da técnica.

A obra do historiador e editor Emanuel Araújo trabalha funda-

mentalmente essas duas vertentes da produção editorial — edição de texto e produção-gráfico/industrial —, mostrando de forma objetiva e detalhada as várias etapas na produção do livro.

Na primeira parte, a preparação de originais é exaustivamente estudada, tratando-se da editoração de todos os tipos de textos — científicos e literários — de forma a oferecer ao profissional uma sistematização rigorosa de todos os conhecimentos do ofício.

A segunda parte, por outro lado, é dedicada ao processo de máquina, ou seja, à produção industrial do objeto, desde o projeto gráfico até a impressão e acabamento, passando por todas as fases, como composição, revisão, iconografia etc.

A essas duas partes fundamentais foram acrescentados um enriquecedor prefácio do Prof. Antônio Houaiss, apêndices voltados para a prática diária das atividades gráficas e editoriais e uma bibliografia, organizada tematicamente, que abarca todos os aspectos da produção editorial.

O autor, associando erudição e vivência profissional na área, nos oferece ainda uma minuciosa história da palavra impressa e uma substancial história da ilustração, apresentando ao profissional, pesquisador e leitor brasileiros o mais completo manual de editoração já publicado entre nós, por meio de um produto gráfica e editorialmente muito bem produzido, contribuição decisiva para a formação do editor integral — produtor de um objeto de consumo cultural —, o aperfeiçoamento do profissional do livro e o avanço da indústria editorial.

Sônia Maria de Amorim
Universidade de São Paulo

Muitas Vozes e um só Caminho

KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.) — *Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados*. São Paulo, Edições Loyola, 1986, 501 pp.

Constantes pesquisas realizadas no país têm evidenciado a onipresença dos chamados meios de comunicação de massa, em especial da TV, que vem atraindo principalmente a criança e o jovem. Esses resultados se apresentam como um desafio à escola, hoje tão distanciada da realidade.

Os produtos da indústria cultural, sobretudo os veiculados pela televisão, sem dúvida, são apresentados de maneira muito mais atraente e lúdica, sensibilizando o estudante atual, que tem com a escola uma relação muito mais utilitarista ("é preciso estudar para vencer na vida") do que de prazer e de envolvimento com os seus defasados programas.

Diante dessa realidade, parece não mais existir dúvidas entre educadores e estudiosos da Comunicação, de que a escola não pode mais continuar voltando as costas aos meios de comunicação. Pelo menos foi o que ficou claro durante o VIII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado o ano passado pela INTERCOM, cujos resultados estão sendo divulgados através do livro *Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados*, organizado pela professora Margarida Krohling Kunsch, das Faculdades de Comunicação Social do Instituto Metodista de Ensino Superior e da Fundação Casper Líbero.

O livro reúne trabalhos de estudiosos de diversos estados brasileiros e de alguns países da

América Latina, convergindo para uma idéia central, ou seja, a integração entre a Educação e a Comunicação. Consta que somente com o estabelecimento de um elo entre essas duas áreas de conhecimento será possível aumentar o nível de competência da escola e a percepção crítica do estudante em relação as mensagens veiculadas pelos meios de difusão.

A obra é dividida em sete partes, envolvendo 48 trabalhos que dão ao leitor uma visão panorâmica das experiências realizadas no país, nas duas áreas de conhecimento mencionadas. Inicia-se com uma apresentação da organizadora e com o pronunciamento feito pelo então Ministro da Cultura, Aluísio Pimenta, no VIII Ciclo da INTERCOM, realizado em Itaipu, Indaiatuba, São Paulo.

Os diversos temas abordados entrelaçam-se de maneira dialética, de forma a despertar o interesse de estudiosos de qualquer área de conhecimento, comprometidos com a necessidade de mudança social.

Ao concluir a leitura da obra, o leitor sente a nítida preocupação dos autores em relação à valorização do homem, como sujeito da história, capaz, portanto, de interferir na construção de uma nova sociedade.

Apesar do elevado número de trabalhos apresentados, o livro não foge ao tema central, enfatizando uma unidade que começa com o nascimento da sociedade de classes até a conquista do espaço e do aparecimento das fibras ópticas, passando pela abordagem dos diversos meios de comunicação "como medradores da realidade no processo pedagógico da apropriação do conhecimento" e pela problemática do espaço que a comunicação deve ocupar na formação de futuros professores. Por outro lado, trata da ação educativa das escolas de comuni-

cação, em seguida analisando o impacto da tecnologia sobre as pessoas, bem como a sua aplicação no campo educacional. Aborda também a comunicação e a democratização da cultura, enveredando pelo campo da mobilização comunitária, através do uso educativo dos *media*, para concluir com um dos aspectos fundamentais do tema central: a educação crítica dos receptores. Aqui é relatada a rica experiência que vem sendo desenvolvida pela União Cristã Brasileira de Comunicação — UCBC — junto a movimentos populares, com o objetivo de analisar as mensagens dos meios através da criação de uma consciência de grupo, visando um compromisso de mudança com o processo de comunicação.

O livro divulga pesquisas, faz constatações e apresenta alternativas de soluções para problemas relacionados com o tema central em estudo. Entre os sujeitos pesquisados, envolve crianças e adultos, estudantes, trabalhadores, pessoas ligadas a movimentos populares e moradores de conjuntos habitacionais. Descreve resultados de experiências com cinema, vídeo, diáfilmes, livro didático, jornal escolar, jogos, brinquedo popular, rádio e televisão.

Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados não pode deixar de ser lido pelos estudiosos da comunicação e por educadores de todos os níveis de ensino, sob pena de se sentirem desatualizados em relação às recentes experiências realizadas e em desenvolvimento no Brasil e países vizinhos.

Apesar de a obra contar com mais de 40 autores que descrevem diferentes experiências, todos sugerem um único caminho: o caminho cruzado entre a comunicação e a educação.

Anamaria Concentino Ramos
Universidade Federal do
Rio Grande do Norte

A Interdisciplinariedade da Comunicação

KUNSCH, Margarida M. Krohling (org.) — *Comunicação e Educação: Caminhos Cruzados*. São Paulo, Edições Loyola, 1986, 501 pp.

Quarenta e oito textos, distribuídos em sete partes, constituem o que a própria organizadora do livro descreve como um “produto não acabado, mas uma soma-tória de pensamentos que se entrelaçam” como resultado da reunião dos trabalhos apresentados pelos expositores do VIII Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em setembro de 1985. Mantendo a proposta editorial que durante nove anos tem publicado as contribuições de cada Ciclo, desta vez a INTERCOM recolhe as conferências e comunicações coordenadas que a comunidade acadêmica, na discussão dos sistemas de educação e comunicação vigentes, elaborou como “elenco de sugestões para a solução dos problemas dessas áreas, abrindo novas perspectivas para uma maior integração entre elas” (p. 9).

Sob a idéia central de que a comunicação e educação cruzam-se, posto que todo intercâmbio de informações possui uma inerente perspectiva educadora, comunicadores e educadores tentam “dar um novo redimensionamento ao processo educacional brasileiro, dentro e fora da escola, numa ação conjunta com os meios de Comunicação” (p. 10). Porém, o livro desborda um tratamento homogêneo do assunto e apresenta cruzamentos em diversos níveis e campos de análise, fornecendo um amplo panorama de relações entre comunicação e educação, úteis não só para os próprios especialistas envolvidos na

docência ou no trabalho educativo com meios, mas para qualquer estudante ou profissional interessado em conhecer uma coletânea do estado atual dos estudos desse campo no Brasil.

A primeira parte, *Educação e meios de comunicação dentro e fora da escola*, recolhe quatorze textos, tratando assuntos desde o uso educativo dos meios massivos, os meios de apoio didático, até a influência dos conteúdos da TV ou o papel do brinquedo e das brincadeiras no desenvolvimento infantil. A segunda parte, *A comunicação nas Faculdades de Educação*, apresenta cinco trabalhos discutindo o lugar da comunicação no currículo de Pedagogia e o uso de meios na formação de professores. A terceira parte, *A educação nas Faculdades de Comunicação*, se insere oportunamente nas atuais polêmicas sobre o currículo mínimo e o diploma de jornalismo, apresentando doze textos que elaboram críticas internas tanto das contradições da própria ação educativa no ensino de comunicação, quanto dos problemas curriculares surgidos nas diversas habilitações de Comunicação Social. *Educação e novas tecnologias de comunicação* apresenta, na quarta parte, quatro exposições da incipiente abordagem desse tema, incluindo uma sobre o uso terapêutico do computador. *A Universidade Aberta* é o tema da quinta parte; três depoimentos, entre os quais um argentino, levantam as possibilidades e os problemas da democratização da educação para os excluídos do ensino superior. Na sexta parte, *Comunicação e mobilização comunitária*, cinco textos avaliam práticas com comunidades rurais e urbanas, e o uso de meios como jornal e vídeo. Por último, a *Educação crítica dos receptores* contém cinco textos dirigidos à apresentação de projetos de Leitura

Crítica desenvolvidos no contexto da Pastoral da Comunicação das Edições Paulinas (SEPAC-EP) e da União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC), incluindo uma experiência chilena.

Um leque amplo e abrangente demais cria dificuldades para identificar um fio condutor na leitura do livro. Apesar do valor de recolher tal variedade de aproximações e abordagens, nota-se uma mistura de reflexões, lucubrações, avaliações, diagnósticos e relatórios de experiências práticas, que fazem com que a mesma distribuição das partes às vezes perca a clareza dos limites. Embora seja essa uma condição comum a qualquer publicação desse estilo na área de comunicação, neste caso o problema parece radicar no uso indiscriminado, em geral, de termos polissêmicos, como comunicação e educação que, ao não serem desenvolvidos como conceitos, correm o risco de mudar de significado sem que tal mudança seja explícita. Em tais condições, por momentos parece haver tipos de cruzamentos que não constituem um encontro pois que se discute assuntos diferentes utilizando as mesmas palavras (educação formal, não formal, informal, política, terapêutica; comunicação massiva, grupal, interpessoal; comunicação como processo, relação, informação, competência, intercâmbio ou matéria do currículo), ou mesmo criando equivalências que são, na verdade, obstáculos para análise (toda educação é comunicação e toda comunicação implica um tipo de educação. A participação é o objetivo final da comunicação e da educação. P. 166, p. 433).

Porém, tal fragmentação existe e é um fato corrente que o livro simplesmente reflete; daí serem justamente aqueles textos relatórios de pesquisas feitas ou em andamento, os que constituem a por-

ção de aportações mais importante pois, além de esclarecerem cada conceito trabalhado, fornecem bibliografia atualizada e são reais cruzamentos metodológicos entre a comunicação e a educação. Nesse sentido, apesar dos problemas anotados, o trabalho cumpre com o objetivo já atingido nas outras publicações dos Ciclos da INTERCOM: fornecer estudos interdisciplinares da comunicação.

Carlos Eduardo Cortéz
Instituto Metodista de
Ensino Superior

O Lazer na Sociedade Contemporânea

CAMARGO, O. Lima — *O que é Lazer?* São Paulo, Brasiliense, 1986, 100 pp.

O Professor Luiz Otávio é um dos eminentes concededores da área de Lazer. Com experiência na realidade vivencial, enquanto um dos responsáveis dessa área no SESC e com uma bagagem teórica de primeira linha, o autor oferece um livro que nos pareceu ser uma grande façanha, ou seja, conseguir apresentar a problemática do lazer de uma maneira ao mesmo tempo profunda e simples. Dissemos ser uma façanha, na medida em que quando nos deparamos com uma literatura "simples", em geral, temos diante de nós coisas, senão erradas, superficiais. Neste livro o Professor Luiz Otávio nos coloca o Lazer não como algo já configurado e aceito por todos, mas um fenômeno que deve ser ainda alvo de pesquisas interdisciplinares para poder chegar a uma teoria do Lazer.

O livro começa mostrando que certas atividades que aparentemente nada têm em comum como "bate bola entre amigos em uma

rua" e "assistir uma palestra sobre um tema que se aprecia" têm elementos em comum que podem permitir reuni-las sob a designação de lazer. É assim que o autor entra nas ditas propriedades do Lazer, colocando em questão essas afirmativas e deixando aberta a possibilidade de resposta. Quanto ao Lazer ter uma função liberatória, mostra ser essa propriedade a mais óbvia.

Numa segunda parte é colocado o problema da possibilidade de o trabalho poder ser Lazer. A discussão sobre esse aspecto é bem colocada e conclui que isto só é possível para uma minoria que não chega a ser 1% da população economicamente ativa de todo mundo: artistas, artesãos, cientistas e "uma parte de empresários e executivos". Cita as observações feitas na União Soviética, por Georges Friedman, e como em todo decorrer de sua obra faz uma indagação que leva o leitor a uma reflexão sobre o assunto.

Refere-se na 3ª parte à grande controvérsia existente sobre as classificações que existem das atividades de lazer, colocando, sem concordar totalmente, a de Joffre Dumazedier como sendo a "mais satisfatória".

É na 4ª parte que o autor relaciona o tempo com as atividades de Lazer e faz uma análise diacrônica sobre o início da legalização do Tempo Livre legalizado no contexto brasileiro.

Para nós um dos aspectos mais interessantes da obra é parte de "espaço de Lazer", pois as idéias que o Prof. Luiz Otávio coloca são inéditas na bibliografia que existe no Brasil sobre o assunto. Tanto essa perspectiva como a discussão sobre os efeitos de persuasão e indução da Televisão são, realmente, preciosos para o leitor nacional, que pouco acesso tem sobre as últimas pesquisas realizadas na Europa e Estados Unidos

a respeito da influência dos meios de comunicação sobre os diferentes desempenhos de Lazer.

Com bastante propriedade o autor vai abordar quase no final do livro dois aspectos importantes: Lazer e Educação e Turismo Social, encarando esse como sendo um dos tipos de Lazer, ou seja, o Lazer Turístico.

"As viagens, mais do que todas as outras atividades de lazer, criam três tempos bastante propícios à ação educativa, até hoje relegados pelo setor econômico do turismo: a fase anterior, a viagem em si, e a fase posterior. (...) Uma pesquisa na França mostrou que as peculiaridades de outras regiões e países constituem o maior interesse intelectual extra-escolar dos indivíduos... Mesmo que tal afirmação não seja válida para a sociedade brasileira, ela nos permite aferir o campo educativo que se abre no período anterior a uma viagem. Uma pedagogia cultural aí encontra um espaço privilegiado de difusão de filmes, livros, romances, palestras." Deste modo o autor vai discorrer sobre a possibilidade de "aprender" de modo agradável pela motivação de curiosidade estimulada pela perspectiva da viagem como também o aproveitamento da viagem e a retomada de pontos significativos quando da fase posterior à saída da morada permanente.

Introduz, como um dos aspectos para nós pioneiros, o lazer eletrônico, abrindo uma discussão sobre a validade deste tipo de lazer. Cita várias pesquisas realizadas nos Estados Unidos e chega à afirmação: "Finalmente, o desembaraço das crianças com as máquinas eletrônicas cria um fato novo para a vida escolar: pela primeira vez, as crianças dispõem de um entretenimento que não apenas aprimora a capacidade de aquisição de informações como também constitui uma

aprendizagem útil para a vida profissional."

Como conclusão o Prof. Luiz Otávio aborda um tema que realmente nos preocupa sempre que tentamos mostrar a importância e significação do lazer na sociedade contemporânea: a prioridade, nos países pobres, do lazer sobre as outras condições de vida. Neste ponto, o autor abre uma discussão sobre o problema do conceito de pobreza, de alienação e consumismo, e chega a uma afirmativa, que consideramos extremamente válida: "Pobreza é, assim, não poder desfrutar com dignidade do momento anual do carnaval, não dispor de recursos materiais necessários para fazer sua fantasia, tendo que abdicar de planos para a melhoria dos seus padrões de habitação e de alimentação."

Se alguém, como diz o autor, continuar conceituando pobreza como sendo apenas a falta de bens materiais, incorrerá em um grande erro, pois os "pobres" têm necessidades de bens materiais e não materiais e "que sonho, alegria fazem parte de suas necessidades". Caso não se tome essa asserção como verdadeira, não poderão compreender nunca porque as favelas têm "mais televisores, para entretenimento, do que geladeiras para a alimentação, itens de mesmo preço".

Assim, para o Prof. Luiz Otávio, o direito ao lazer expressa, na sociedade contemporânea, uma nova forma "de se reivindicar a dignidade humana". Com isto, quer dizer que todos devem ter o direito de usufruir das possibilidades de lazer oferecidas pela tecnologia contemporânea.

Deste modo, com uma postura pioneira, a Brasiliense nos lega uma "grande pequena obra" de introdução ao estudo do lazer.

A única ressalva que temos é de não se encontrar uma bibliografia

no final, para que se possa aprofundar os assuntos que estão discutidos.

Sara Bacall
Universidade de São Paulo

Em Busca da Memória

SAROLDI, Luiz Carlos e MOREIRA, Sonia Virgínia — *RADIO NACIONAL — o Brasil em Sintonia*. Rio de Janeiro, FUNARTE/Instituto Nacional de Música/Divisão de Música Popular, 1984, 126 pp.

Originalmente monografia vencedora do concurso sobre a Rádio Nacional, promovido pela Divisão de Música Popular do Instituto Nacional de Música da FUNARTE, o livro aborda o histórico da Rádio Nacional dentro do contexto político e social da época, sua importância e a influência que teve no país, até a situação atual.

Escrever sobre a Rádio Nacional para os que conviveram com ela no seu apogeu, tanto como participantes, como ouvintes, significa muito mais do que simplesmente rememorar — é quase recuperar uma identidade. Para os que apenas ouviram falar daquele período, representa saciar uma curiosidade sobre os "tempos áureos" do rádio e, mais ainda, resgatar uma parte importante da memória desse veículo de comunicação. Neste sentido, o livro constitui-se em contribuição significativa pois, além de fazer um levantamento aprofundado, através de pesquisa em jornais, revistas e livros, e de entrevistas com pessoas que participaram ativamente da vida da emissora, ele situa a Rádio Nacional no contexto sócio-político da época, de forma lúcida, sem cair em ufanismos.

Toda a conjuntura que levou à criação da emissora, sua direção, a questão do Estado Novo, o papel de Getúlio Vargas, a participação dos artistas, radialistas, maestros e músicas traçam um perfil claro para o leitor. A importância que a emissora deu à música brasileira e à sua divulgação; as radionovelas, os programas de auditório; o início do rádio-jornalismo (e a sua motivação), bem como as dificuldades técnicas da época, até chegar aos problemas atuais, de preservação da memória da rádio, são abordados. Ao final há uma relação do acervo da emissora que hoje se encontra, parte na própria Rádio Nacional, e parte no Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

O livro não faz uma análise crítica de cada programa, mas traduz com clareza a filosofia da emissora: "Pode-se afirmar, no entanto, que a PRE-8 não serviu apenas à integração nacional, mas sim a um modelo mais definido de ação política posto em prática no período 1930-1945" (p. 93). Independente das injunções políticas, Saroldi e Sônia Moreira consideram que não pode ser negada a importância da emissora sobre a cultura do país, levando-se em consideração a influência que teve sobre a música popular. Para eles, essa atuação pode ser resumida em quatro grandes linhas: a recuperação de um repertório em vias de desaparecimento, o recolhimento e identificação de autores e temas, a devolução aos centros periféricos de sua produção, referendada pelo principal pólo irradiador do país e a busca de formas musicais renovadoras e enriquecedoras. Deste modo, essas quatro vertentes principais teriam configurado o chamado "fenômeno Rádio Nacional", aliadas ao elemento humano e ao "catalisador representado por fatores históricos favoráveis a uma

postura cultural nacionalista, ainda que conservadora, talvez até oportunista — mas não imobilista" (p. 94).

Trata-se, portanto, de um livro de interesse tanto para pesquisadores como para o público em geral, e também, é claro, para os radialistas, pois como diz Paulo

Tapajós, em depoimento citado no livro (p. 89): "...até onde o pessoal da rádio hoje ama a Rádio Nacional? Não sei. Nós amávamos".

Doris Fagundes Haussen
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul